

As fadas e a política no século XVII

Fairies and politics in the Seventeenth Century

Paula Ferreira Vermeersch¹

RESUMO

Seres híbridos e mágicos, as fadas, presentes em muitas narrativas populares em muitas épocas históricas, no século XVII, em meio a graves crises econômicas e políticas nos Estados nacionais europeus, se tornaram personagens tanto para Charles Perrault (1628-1703), um dos homens mais influentes do reinado de Luís XIV, quanto para o filósofo Thomas Hobbes (1588-1679), exilado durante a Revolução Inglesa. Conselheiras do rei ou suas opositoras, as fadas parecem também fazer misteriosas aparições na pintura de Rembrandt van Rijn (1606-1669), e magicamente transfiguram a Política.

Palavras-chave: Fadas- Pensamento Político Clássico- Século XVII

ABSTRACT

Hybrid and magical beings, fairies, present in many popular narratives in the seventeenth century, amid serious economic and political crises in European national

¹ Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, (2007), mestre em História da Arte e da Cultura (2002), mestre em Sociologia (2001) e bacharel e licenciada em Sociologia e Antropologia (1998) pela Unicamp. Fez um pós-doutoramento em História da Arte, no departamento de História, IFCH-Unicamp, entre 2009 e 2013, e foi bolsista pós-doc da FAPESP. Em 2013 tornou-se docente de História da Arte e da Arquitetura no departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, FCT-Unesp, câmpus de Presidente Prudente. Atualmente é coordenadora do Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical "Florestan Fernandes"- CEMOSi, atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Unesp-Marília, é conselheira, representando a UNESP, do Conselho de Defesa do Patrimônio Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, CONDEPHAAT, e ocupa o cargo de Coordenadora na Coordenaria de Ação Cultural, na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unesp.

states, became characters both for Charles Perrault (1628-1703), one of the most influential men of the reign of Louis XIV, and Thomas Hobbes (1588-1679), exiled during the English Revolution. Counselors of the king or his opponents, the fairies also seem to make mysterious appearances in Rembrandt's painting, and magically transfigure Politics.

Keywords: Fairies- Classical Political Thought- XVII Century

No filme *Peau D'Âne* (Pele de Asno) do diretor francês Jacques Demy (1931-1990), de 1970, existe uma encantadora sequencia de um encontro, no bosque, entre a princesa, interpretada por Catherine Deneuve em seu primeiro papel no cinema, e sua fada-madrinha, a fada dos lilases, vivida por Delphine Seyrig (1932-1990). O enredo do filme é baseado num dos contos de Charles Perrault (1628-1703), publicados em 1697, no livro *Contes de ma mère l'oye* (*Contos da Mamãe Ganso*)², onde um rei promete à sua esposa moribunda que só irá casar-se com uma mulher cuja beleza suplante à de sua rainha.

Apenas a filha dos dois, a princesa, possui uma beleza que é maior que a de sua mãe, e o rei então obriga a própria filha a casar-se com ele. Desesperada, a princesa busca ajuda em sua fada-madrinha. Demy criou, com o compositor Michel Legrand (1932-2019), uma canção para a cena: a fada canta para a princesa os motivos pelos quais o incesto não deve ocorrer, e apresenta uma solução infalível para o impasse trágico que abalava o reino. Na letra da música, Jacques Demy teve o cuidado de citar os termos utilizados por Perrault em sua narrativa; dessa forma, “*Conseils de la fée des lilas*” fala da interdição jurídica do incesto (“questões de legislatura impedem uma progenitura se alterar”) de forma análoga aos vocábulos utilizados nos

² PERRAULT, Charles. *Histoires, ou Contes du temps passé, avec des moralitez. Contes de ma mère l'oye*. Paris: 1697. Editio Princeps. Versão digital do Portal Gallica, Bibliothèque Nationale de France: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10545223/f11.image>. Figura 1.

debates intelectuais da época do escritor, e aos versos com lições de moral da *Mamãe Ganso*³.

A sequência de narrativas do livro de Perrault é: *Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Barba Azul*, *Gato de Botas*, *As Fadas*, *Cinderela*, *Henrique com topete*, *Pequeno Polegar*, *A Marquesa de Salusses*, *Os desejos ridículos* e finalmente *Pele de Asno*. Os contos de Perrault são por demais conhecidos e se tornaram extremamente populares nos séculos seguintes, conhecendo inúmeras versões. Quase toda criança já ouviu, leu, ou viu algo do universo do autor, desde muito cedo.

A fada dos lilases, tanto na narrativa de Perrault quanto no filme de Demy, é a grande conselheira e estabelece as estratégias para a princesa. Evita um incesto, um crime inaudível, e salva a monarquia de dois países. A fada dos lilases, no filme, se torna rainha- a imaginação de Demy faz com que a esperta e charmosa fada conquiste o coração do rei, pai de Pele de Asno, e no fim do filme, uma grande celebração confirma a vitória da inteligência e do charme do ser mágico, meio mulher, meio borboleta e flor.

³ A cena dos “Conselhos da fada dos lilases” está em <https://www.youtube.com/watch?v=BfhMEXn7fik>. A música em boa qualidade, <https://www.youtube.com/watch?v=h78saTuO4cA>.

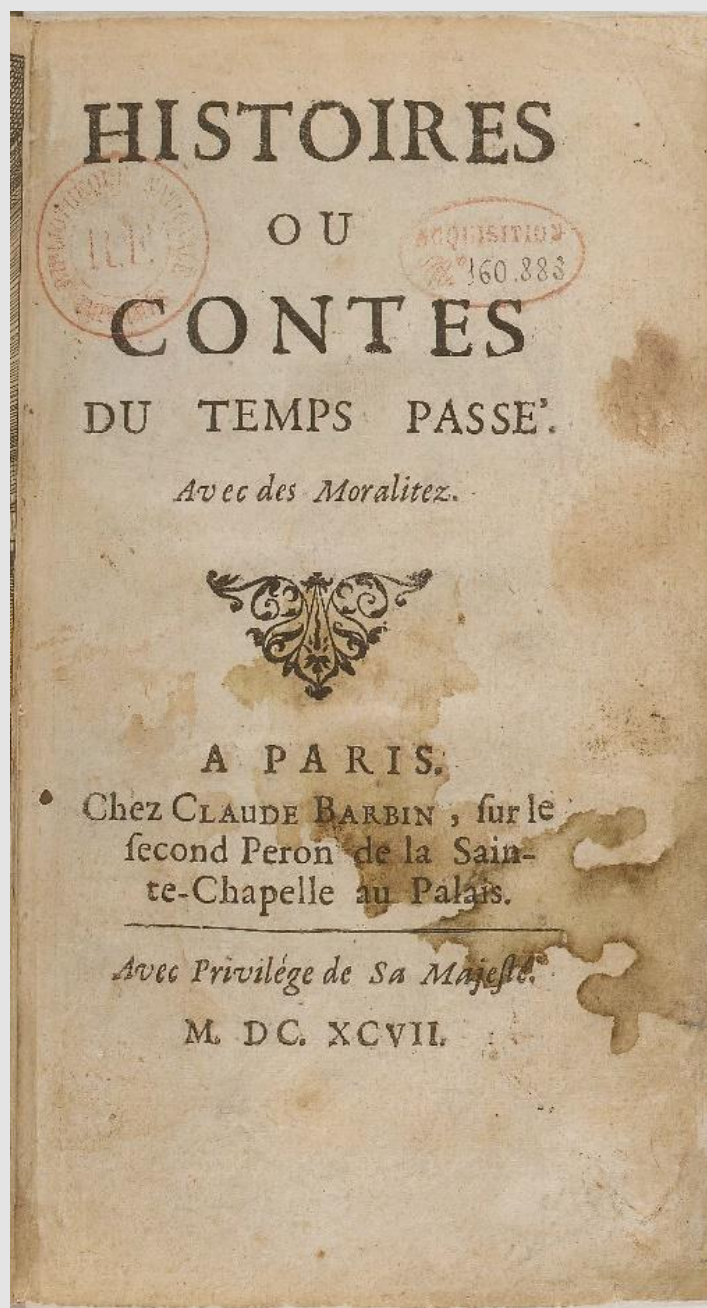


Figura 1. Frontispício da Editio Princeps da obra de Charles Perrault. Portal Gallica. Bibliothèque Nationale de France, BnF.

Para os séculos seguintes, Perrault transformou-se no autor básico dos chamados contos de fada; de fato, *Mamãe Ganso* foi a primeira versão escrita destas narrativas populares. Mas, em seu próprio tempo, o escritor foi, antes de mais nada,

um dos homens de confiança de Luís XIV. Em 1651, formou-se advogado e logo se tornou o braço direito de Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), “contrôleur general des finances” de 1665 a 1683, o responsável pela série de medidas econômicas que preservaram o Grande Século do Rei Sol, numa época particularmente conturbada na Europa Ocidental.

Perrault também foi o superintendente das Obras Públicas do reino, consultor do Rei nos assuntos de Arquitetura, tendo executado projetos de seu irmão, o arquiteto Claude. Em 1668, responsabilizou-se pela construção da colunata nova do Louvre⁴, e por conta das decisões sobre a ornamentação dos prédios públicos, entre outros assuntos, envolveu-se nas famosas Querelas entre os Antigos e os Modernos, sendo o líder do partido destes últimos. E justamente este personagem, da corte e autodenominado moderno, será o responsável por recolher as narrativas dos simples do reino, no final de sua vida, num volume dedicado aos filhos, quando já não estava mais a serviço do Estado. Robert Darnton afirma que tal iniciativa de Perrault foi fundamental no sentido de conservar, ainda que de maneira bastante complexa, parte da tradição oral que guiava a maior parte da população francesa no início da Era Moderna, e em particular num século marcado por grandes fomes⁵.

Apesar de Perrault ter conservado os contos à sua maneira (ou seja, como Darnton demonstra, ao analisar várias versões das histórias recolhidas), retirando das narrativas o que considerava “grosseiro”, ou de “mau gosto”, para o que se tinha como conveniente nos salões da nobreza, a dificuldade em lidar com este material não deve desestimular sua análise: “Rejeitar os contos populares porque não podem ser datados nem situados com precisão, como outros documentos históricos, é virar as costas a

⁴ Sobre o círculo de letrados, que, sob o comando de Colbert, criaram o aparato jurídico, arquitetônico, literário, econômico e cultural de Luís XIV, consultar BURKE, Peter. *A fabricação do Rei*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1995.

⁵ DARNTON, Robert. “Histórias que os camponeses contam: o significado da Mamãe Ganso”, in *O grande massacre de gatos e outros episódios da História Cultural Francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

um dos poucos pontos de entrada no universo mental dos camponeses, nos tempos do Antigo Regime”⁶.

Eram tempos de crise, de incertezas religiosas, de dificuldades econômicas extremas. Dados demográficos, citados por Darnton, mostram a penúria e a miséria que viviam as populações da Europa Ocidental nos séculos primeiros dos tempos modernos:

Os camponeses, no início da França moderna, habitavam um mundo de madrastas e órfãos, de labuta inexorável, e de emoções brutais, tanto aparentes como reprimidas. A condição humana mudou tanto, desde então, que mal podemos imaginar como era, para pessoas com vidas realmente desagradáveis, grosseiras e curtas. É por isso que precisamos reler *Mamãe Ganso*⁷.

Perigos em todas as partes aparecem nas narrativas: a maior parte dos personagens passa fome, graves privações físicas e deslocamentos (geográficos, familiares, sociais). É o caso do terceiro filho no Gato de Botas: se o filho mais velho fica com moedas de ouro, e o do meio com um moinho, só resta ao mais moço a companhia do Gato. Darnton afirma que não é preciso recorrer, como alguns autores fizeram, a ferramentas conceituais da Psicanálise para se compreender significados ocultos das narrativas: no século de Perrault, ter muitos filhos significava, na maior parte dos casos, literalmente não deixar nem um gato de herança.

E mais- na corte povoada de gente ambiciosa e muitas vezes desonesta, é fundamental ter estratégia e planos muito bem elaborados. A fada dos lilases sobreviveria muito bem no reinado de Luís XIV, como o fez Perrault. O ser mágico passaria por um alter-ego do homem que tantos feitos realizou para o Rei Sol.

Perrault seria o único letrado de seu círculo a se interessar pelas histórias camponesas, aparentemente, segundo Darnton. Homem do Rei, não tinha muita simpatia pelos simples, mas representa algo único: o ponto de contato entre a cultura da elite e das outras camadas sociais. Guiados pelas histórias e pelos provérbios, os

⁶ DARNTON, Robert. Op. cit., p. 32.

⁷ DARNTON, Robert. Op. cit., p. 47.

franceses tentam burlar o sistema moderno, onde muitos são expropriados, por um lado, e as trocas mercantis atestam a riqueza acumulada de poucos.

Vários historiadores chamaram a atenção para as sucessivas crises econômicas ocorridas durante o século XVII, como as do mercado espanhol de ouro, nas décadas de 1640 e 50, ou as ondas de inflação enfrentadas na França. Fernand Braudel, ao contrário, afirma:

A vida ativa do século XVII, emancipada dos sortilégios do Mediterrâneo, desenvolve-se através do vasto campo do oceano Atlântico. Descreveu-se frequentemente esse século como uma época de recuo ou de estagnação econômica. Há que se atenuar, sem dúvida, esse quadro⁸.

Para Braudel, prova disto estaria na “ascensão fantástica de Amsterdã”; o crescimento e as tentativas de estabelecimento de hegemonia no Atlântico, por parte dos holandeses, não poderiam ocorrer em tempos de total extenuação econômica. De fato, em 1621, surgiu a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, agente que se tornará decisivo em certos enfrentamentos com as monarquias portuguesa e espanhola, relativos ao controle de rotas, portos e produtos no Atlântico.

Entre que o Braudel denomina o “longo século XVI” (1450-1500) que viu surgir o atual sistema inter-estatal, e a “Era das Revoluções”, como chamou Eric Hobsbawm, o século XVII assistiu ao florescimento das lojas, por toda a Europa, e aos primeiros jogos financeiros de peso: investidores de Londres tentam vencer os de Amsterdã em tempos de guerras civis. A economia de mercado, em suas formas mais acabadas, segundo Braudel, são geradas nestes acontecimentos. Tais ocorrências econômicas no século XVII prefigurarão os sucessivos terremotos do chamado sistema capitalista, para Immanuel Wallerstein⁹: tremores na superfície, possíveis abalos mais profundos, mas não na quebra das estruturas.

⁸ BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 26.

⁹ WALLERSTEIN, Immanuel. *The World System. An Introduction*. Durham: Duke University Press, 2004.

Mesmo considerando o ponto de vista de Braudel e Wallerstein sobre a natureza de longa duração dos mecanismos da economia de mercado da Europa Ocidental, durante a era moderna, é inegável pensarmos que certos abalos do século XVII deixaram suas marcas. Já em 1671, com a extinção da Companhia das Índias Ocidentais, nas terras holandesas surgem, em certos grupos sociais, sentimentos de desesperança.

Em certos aspectos da pintura de Rembrandt van Rijn (1606-1669) podemos observar uma melancolia, e mais tarde um profundo desespero e uma recusa à participação ativa num mundo de incertezas. O historiador da Arte Kenneth Clark o denomina “rebelde”, e identifica em várias telas e desenhos esses desacertos do pintor com a sua época¹⁰. Se, em 1642, na *Ronda Noturna*, 1628-1703, figs. 2 e 3, Rembrandt insere uma pequena personagem feminina, diáfana, ponto de luz de todo o quadro e que destoa dos retratos dos oficiais (a interpretação da presença da pequena personagem suscita até hoje polêmicas no âmbito da historiografia: seria Saskia, o amor do pintor, ou uma fada protetora dos oficiais de Amsterdã?), nas suas pinturas finais não há luz possível: uma Betsabé, hoje no Louvre, fig.4, lê a carta com a proposta de adultério do rei Davi na mais completa escuridão, desesperança e prostração física.

Depois de 1642, Rembrandt entra em vertiginosa quebra financeira e crise pessoal, e em 1656 decreta falência. Seus cerca de sessenta auto-retratos trazem a trajetória de um jovem confiante, que chega a fazer engraçadas caretas, um homem exercendo plenamente seu ofício e uma velhice enigmática, marcada por um olhar que desafia o espectador. Estaria, nesta trajetória imagética, parte dos abalos enfrentados na Holanda do XVII?

¹⁰ CLARK, Kenneth. *An Introduction to Rembrandt*. London: Icon Editions, 1978, p.39.



Figura 2. *A Ronda Noturna.* Rembrandt van Rijn, 1642. Óleo sobre tela, 3,63 m x 4,37 m.
Amsterdã: Rijksmuseum.



Figura 3. Detalhe da *Ronda Noturna.*

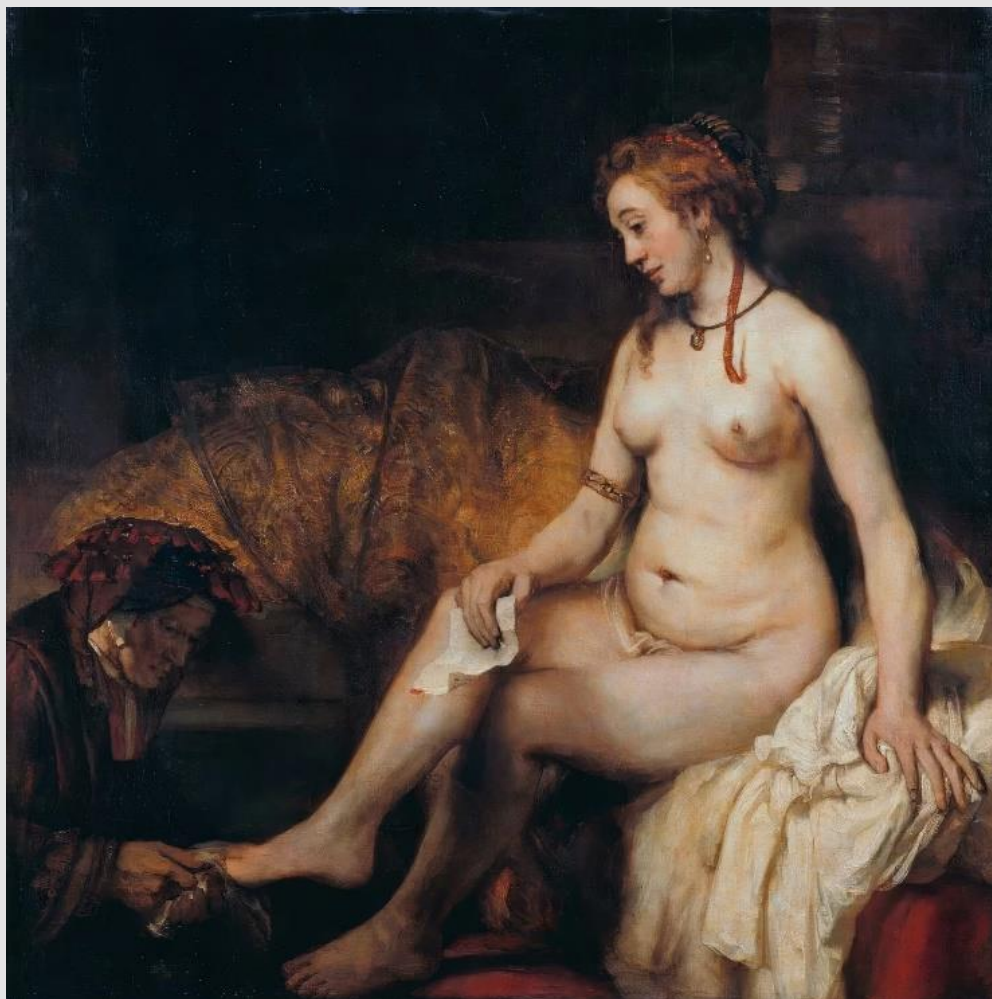


Figura 4. *O banho de Betsabé.* Rembrandt, 1654 . Óleo sobre tela, 142 x 142 cm. Paris: Museu do Louvre.

A questão do indivíduo que enfrenta as vicissitudes de um universo incerto está postulada num dos livros mais importantes do século, *Leviathan or Matter, Form and Power of a Commonwealth Ecclesiastical and Civil*, publicado em 1651 pelo filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679)¹¹. Como demonstrou Christopher Hill¹², a obra de Hobbes articula-se com muitas das discussões do conturbado XVII inglês,

¹¹ HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Abril Cultural, 1983

¹² HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça. Idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

principalmente da época mais acirrada da guerra civil e da chamada Revolução Inglesa.



Figura 5. Frontispício da *Editio Princeps* de *Leviatã*. Londres: British Library.

Os acontecimentos na Inglaterra, que começou o século como “potência de segunda linha na Europa”, no dizer de Renato Janine Ribeiro¹³, foram rápidos e radicais. Em 1603, subiu ao trono o primeiro dos Stuart, James I; em 1625, morre James e o sucede seu filho Charles I, que enfrentará a pior crise já vivida numa

¹³ RIBEIRO, Renato Janine. “Introdução”, in HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça. Idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

monarquia moderna na Europa. Hobbes, protegido da família nobre dos Cavendish, e do partido do rei, em 1640 publica seu primeiro tratado e se exila na França.

Apenas em seu retorno à pátria, em 1651, depois da guerra civil, Hobbes lança sua principal obra, que será mal recebida nos círculos dos letrados e religiosos ingleses, inclusive os próximos ao rei. Sem conseguir alcançar nenhum êxito político na Restauração, Hobbes refugia-se no interior, e sob a proteção de seus antigos mecenas termina seus dias traduzindo Homero. É significativo do tempo em que viveu, que o filósofo tantas vezes apresentado como o grande teórico do Estado absolutista tenha vivido à margem do mesmo.

Na primeira parte do *Leviatã*, Hobbes apresenta uma discussão epistemológica sobre o que considera a base do conhecimento humano: as sensações. Compartilhando de certas teses mecanicistas que marcaram os debates franceses, Hobbes apresenta o homem com um animal que conhece porque sente fisicamente. A razão é uma consequência das sensações físicas; as paixões dos homens, sempre as mesmas. A paixão básica, segundo Hobbes, seria a conservação da própria vida, que leva ao medo e à luta pela sobrevivência. Neste ponto, o filósofo inglês cria a célebre discussão conceitual da guerra de todos contra todos: a humanidade seria o conjunto desordenado de indivíduos lutando pela própria vida, e que, em determinado momento, se filiam a um pacto que leva à sobrevivência de todos: o contrato que funda a sociedade, que permite que os homens vivam em comunidade. Hobbes afirma, no início do *Leviatã*, que deseja demonstrar a natureza do Estado, entendido por ele como um grande autômato, um monstro formado pelos súditos de um território, como mostra a gravura que adornou a primeira edição do livro.

No capítulo XVII, “Das causas, geração e definição de um Estado”, Hobbes escreve:

O fim último, causa final e desígnio dos homens (que amam naturalmente a liberdade e o domínio sobre os outros), ao introduzir aquela restrição sobre si mesmos sob a qual os vemos viver nos Estados, é o cuidado com sua própria conservação e com uma vida mais satisfeita. Quer dizer, o desejo de

sair daquela mísera condição de guerra que é a consequência necessária (conforme se mostrou) das paixões naturais dos homens, quando não há um poder visível capaz de os manter em respeito, forçando-os, por medo do castigo, ao cumprimento dos seus pactos e ao respeito àquelas leis de natureza demonstradas anteriormente¹⁴.

Hobbes parece desejar, em argumentações laicas, ordenar conceitualmente a ideia do Estado moderno como um ente que abstratamente corresponde aos interesses da maior parte da população de um território, o único agente capaz de deter processos de guerra civil como os da Inglaterra do século XVII. Neste sentido, Hobbes seria o filósofo do Estado absolutista, mas porque essa fórmula política lhe apareceu como a única capaz de prover a Inglaterra da paz por ele desejada, e porque esse Estado foi o que garantiu à França que o acolheu em seu exílio uma estabilidade relativa.

Na França de Luís XIV, como vimos, Colbert e seus homens conseguiram com êxito firmar o aparato estatal do qual o Rei Sol se serviu em seu longo reinado. Na narrativa de *Pele de Asno*, Perrault conta como a fada dos lilases articula um plano para salvar a princesa do casamento com seu próprio pai; disfarçada de mendiga, vestida apenas com uma horrenda pele de asno, a princesa se refugia no reino vizinho, passa por humilhações, e acaba por vencer uma competição de bolos, que se deu para a escolha daquela que desposaria o príncipe local.

No filme citado, Demy cria a fantasia que a fada acaba por casar com o rei viúvo, pai de Pele de Asno, e chega triunfalmente de helicóptero no reino vizinho, agora de sua nova enteada. O diretor afirmava que criar recriar a imaginação de sua infância, quando tomou contato com uma adaptação do texto de Perrault e suas ilustrações; nestas fantasias, a fada desempenhava para o pequeno leitor Demy o papel de grande articuladora política. Em outro conto de *Mamãe Ganso*, *As fadas*, estes delicados seres também se assemelham muito com os conselheiros do Rei e outras figuras da corte: são mostradas em sua assembleia, nas gravuras que acompanharam a primeira edição do livro de Perrault.

¹⁴ HOBBS, Thomas. Op. cit., p. 103.

No último capítulo do *Leviatã*, XLVII, “Do benefício resultante de tais trevas, e a quem aproveita”, Hobbes por sua vez compara os sacerdotes católicos às fadas:

Pois desde a época em que o bispo de Roma conseguiu ser reconhecido como bispo universal, pela pretensão de suceder São Pedro, toda sua hierarquia, ou reino das trevas, pode ser comparado adequadamente ao reino das fadas, isto é, às fábulas contadas por velhas na Inglaterra referentes aos fantasmas e espíritos e às proezas que praticavam de noite¹⁵.

Hobbes continua o texto neste tom satírico: as fadas só reconhecem a autoridade de Oberon, rei dos elfos; os padres só reconhecem o papa. Eclesiásticos tem lindas catedrais com coisas preciosas; as fadas também tem seus castelos encantados. As fadas não são processadas, os padres também não o são. Os padres tiram o juízo dos jovens com mentiras; já as fadas tiram as crianças dos berços e as transformam em duendes.

As velhas contadoras de histórias, segundo Hobbes, não especificam onde as fadas produzem seus feitiços, mas os padres os fabricam nas universidades. As fadas não se casam, os padres também não.

A estas e outras semelhanças entre o Papado e o reino das fadas se pode acrescentar mais uma, que assim como as fadas só tem existência na fantasia de gente ignorante, que se alimenta de tradições contadas pelas velhas ou pelos antigos poetas, também o poder espiritual do Papa (fora dos limites de seu próprio domínio civil) consiste apenas no medo, em que se encontra o povo seduzido de ser excomungado, por ouvir os falsos milagres, as falsas tradições e as falsas interpretações das Escrituras¹⁶.

Tal crítica corrosiva e satírica ao catolicismo se assemelha, e muito, a vários discursos dos grupos radicais que Christopher Hill estuda. Tais grupos, na Revolução Inglesa, tidos na historiografia antes do trabalho de Hill como casos a parte ou mesmo excentricidades, atraíram este historiador por serem justamente expressivos de um momento de agitação tão grande que se tornaram possíveis, mesmo que depois fossem reprimidos e vencidos. A crise do século XVII, na Inglaterra, dentre outros fatores, trouxe uma extrema convulsão religiosa. Hill denomina tais movimentos “heresias

¹⁵ HOBBS, Thomas. Op. cit., p. 401.

¹⁶ HOBBS, Thomas. Op. cit., p. 403.

das classes inferiores”: “A impopularidade da igreja oficial, como um todo, é igualmente comprovada pela iconoclastia popular que irrompia a cada oportunidade (...)”¹⁷. Para alguns radicais, não só os padres católicos eram como as fadas, mas também os representantes da Igreja Anglicana.

Hill nota que eram tempos de extremas crises de fé, num processo que vinha do século anterior e que alcançou na Inglaterra do XVII sua plenitude máxima. Por volta de 1650, segundo aponta Hill, vários ingleses narram fortes crises de incredulidade, que levavam certos indivíduos à beira do suicídio: “No século XVII o ateísmo era normalmente uma atitude, uma revolta, mais do que um sistema filosófico”¹⁸. Parte das discussões teológicas trazidas pelo Protestantismo, segundo Hill, liberaram os ingleses do medo do inferno e do culto dos santos, mas não puseram ferramentas de apoio em horas que tudo parecia desmoronar.

A secularização do mundo, porém, estava longe de ser algo vivido por todos:

A maior parte dos ingleses de ambos os sexos ainda vivia, no século XVII, em um mundo mágico, no qual Deus e o demônio intervinham diariamente- um mundo de feiticeiras, fadas e encantamentos. Se fracassassem estes, ainda havia o toque pelas mãos do rei, eficaz na cura das escrófulas¹⁹

Essa antiga crença do rei curandeiro é particularmente insólita, em tempos nos quais a cabeça do rei estava a prêmio. Hill observa que vários personagens importantes da Inglaterra, como o duque de Buckingham, preferido de James I e Charles I, tinha seu astrólogo particular, bem como Oliver Cromwell. E certas peculiaridades da fé protestante favoreciam o sugimento de correntes profetistas. O tom corrosivo de Hobbes teria a ver com esses paradoxos- sonhos, oráculos e profecias, como nota o filósofo no final do *Leviatã*, muitas vezes eram a causa principal do evento antevisto.

¹⁷ HILL, Christopher. Op. cit., p. 46.

¹⁸ HILL, Christopher. Op. cit., p. 185.

¹⁹ HILL, Christopher. Op. Cit., p. 210.

Hobbes, a princípio, não “caberia” no livro de Hill, segundo o autor; era defensor da monarquia e viveu no exílio durante a guerra civil. Voltou à Inglaterra apenas em 1651, quando os radicais já haviam sido vencidos. No entanto, segundo Hill, Hobbes admirava certas contribuições da Revolução, mesmo considerando que teria sido melhor que esta nunca tivesse ocorrido. A filosofia hobbesiana seria, segundo este historiador, uma “visão secularizada da ética protestante”, o que a aproxima em vários pontos dos argumentos dos grupos radicais revolucionários.

Para Hill, Hobbes seria deísta, e utilizaria as Escrituras como fontes apenas para fins de argumentação: ilustrava com histórias bíblicas conclusões que chegava por meio da lógica aristotélica. A incredulidade era possível, mas não acessível a todos, e nem fácil de aceitar, na Inglaterra setecentista. Arise Evans, profeta popular cujos panfletos Hill analisa, lia na Bíblia os acontecimentos da guerra civil: o Livro de Amós, segundo Evans, narrava tudo o que se passava no Parlamento. Evans chegava a ter longas sessões com Cromwell e outros políticos, onde expunha suas ideias apocalípticas, bastante afinadas com o clima de fim dos tempos que antecedeu e sucedeu a execução do Rei e as discussões violentas no Parlamento.

De fato, por volta de 1640 e 1650, o reino das fadas estava mais a salvo das crises econômicas e políticas que os Estados nacionais europeus, e tais pequenos seres mágicos, híbridos de mulheres, flores e insetos, guiariam, como alegorias, parte das reflexões de Hobbes e Perrault, políticos importantes e pensadores do jogo das cortes, como guiavam os oficiais de Amsterdã e quem contava e quem ouvia os chamados contos de fada.

Recebido em: 03/05/24 - Aceito em: 30/07/24

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987

BURKE, Peter. *A fabricação do Rei*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1995

CLARK, Kenneth. *An Introduction to Rembrandt*. London: Icon Editions, 1978

DARNTON, Robert. “Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso”, in *O grande massacre de gatos e outros episódios da História Cultural Francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986

HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça. Ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Abril Cultural, 1983

HOBSBAWM, Eric. “A crise geral da economia europeia no século XVII”, in SANTHIAGO, Theo (org). *Do Feudalismo ao Capitalismo- uma discussão histórica*. São Paulo: Editora Contexto, 1988

PERRAULT, Charles. *Contes de ma mère l’oye*. Paris: Barbin, 1697. Editio Princeps (Versão digital de Gallica) Bibliothèque Nationale de France: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10545223/f11.image>

TREVOR-ROPER, Hugh. *A crise do século XVII. Religião, a Reforma e mudança social*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007

WALLERSTEIN, Immanuel. *The World System. An Introduction*. Durham: Duke University Press, 2004.